

## "Comeu o *eterno* e deixou o *minuto*": O tempo da escrita em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis

[Jair Rodrigues de Aguiar Júnior](#)

### Resumo

A proposta deste trabalho é o estudo do tempo e de suas relações com a escrita em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Procuramos depreender, a partir das modalidades temporais que os textos machadianos colocam em cena, e de sua articulação com a psicanálise, a noção de tempo da escrita.

Palavras-chave: Tempo. Escrita. Memória. Letra. Inconsciente.

Definimos, inicialmente, o objetivo de nosso trabalho como o estudo do tempo em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Fomos percebendo, em seu desenvolvimento, que além de investigarmos a questão do tempo, de algum modo, estávamos falando também sobre a questão da escrita, e, a partir dessa observação, fizemos um certo redirecionamento do tema que vínhamos estudando, reformulando-o ao propormos investigar, a partir das várias modalidades temporais que os textos machadianos colocam em cena, a temporalidade da própria escrita.

O objetivo principal passou a ser, portanto, o estudo do tempo e de suas relações com a escrita em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Investigando a sua visão ou lógica do tempo, em suas várias acepções, procuramos desenvolver uma topologia do tempo machadiano.

O título escolhido, "Comeu o *eterno* e deixou o *minuto*", foi tirado do conto "Papéis velhos". Há uma passagem desse conto em que o protagonista Brotero, em um momento de angústia, lê algumas de suas cartas encardidas pelo tempo, deparando-se com um trecho de uma das cartas, corroído por uma traça, que comeu parte da palavra eterno, deixando, no papel, sulcadas as letras *et* e a palavra minuto. Articulamos, assim, a partir de "Papéis velhos", e, também, de *Memórias póstumas*, a questão da letra à temporalidade machadiana.

Em nosso percurso, procuramos estabelecer articulações com outros autores ou obras que abordam a temática do tempo, tanto na literatura quanto em áreas como a psicanálise e a filosofia. Na década de 50 do século passado, foram realizados pelo menos dois importantes estudos sobre o tema do tempo em Machado de Assis. Wilton Cardoso, em *Tempo e memória em Machado de Assis*, desenvolveu um trabalho de propósito biográfico, respondendo, de certa forma, à seguinte afirmação do ensaísta e professor Moisés Velhino: "Há, de certo modo, um vínculo substancial entre a ficção machadiana e a natureza psíquica de seu criador" (CARDOSO, 1958, p. 14).

Considerando a experiência vivida de Machado, Cardoso procurará dar uma visão mais humana e exata do autor; sendo assim, buscará articular tal experiência ao que de mais íntimo Machado escreveu em suas obras: "Eis o que perfeitamente se adapta à experiência de Machado de Assis, no que toca ao que de mais pessoal imprimiu às suas obras, a saber – a vivência do fluxo contínuo do tempo e a insuficiência da memória para reestabelecer as sensações passadas" (CARDOSO, 1958, p. 217). Tempo e memória são, portanto, temas primordiais escolhidos por Cardoso, numa abordagem que pretende enlaçar vida e obra.

O segundo estudo, intitulado *O tempo no romance machadiano*, de autoria da professora Dirce Côrtes Riedel, foi realizado com o objetivo de obtenção do título de livre-docente de Literatura Brasileira. A autora deteve-se, fundamentalmente, na análise da estrutura de três romances machadianos para estudo do tempo na narrativa. Os romances por ela escolhidos foram: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Memorial de Aires*.

Côrtes Riedel reporta-se a um tempo exterior e a um tempo interior do personagem, salientando que o exterior é linear e contínuo, enquanto o interior – privilegiado pelo narrador machadiano na constituição do passado – é subjetivo e descontínuo. Segundo a autora, Machado narra a temporalidade que dura no interior do personagem, lugar onde há uma fusão dos tempos, e não uma separação entre passado e presente, uma vez que o passado está incluso no presente. O trabalho de reconstituição do passado é feito por meio da associação de idéias, e a duração do tempo é, pois, psicológica ou, se preferirmos, subjetiva, e não uma duração cronológica externa aos personagens.

Afrânio Coutinho, no seu "Estudo crítico: Machado de Assis na literatura brasileira", faz uma síntese das diversas concepções de tempo presentes na obra do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, e tece o seguinte comentário:

Estreitamente ligada a esse grupo [da temática sobre o sentimento trágico da existência] é a temática do tempo, outro ciclo de grande importância na obra machadiana: a irreversibilidade do tempo, o fluir contínuo e ilógico, a lei da mutabilidade eterna, a transitoriedade de tudo, o aspecto destruidor e corruptor do tempo, conduzindo à decadência física e à morte, a inanidade de qualquer esforço pois o fim é o mesmo, o escoamento implacável, a perecibilidade do ser humano contrastando com o ideal da vida perpétua, a descontinuidade humana, o nada como fim de todas as coisas e seres, a fluência constante produzindo a dissolução da personalidade, o contraste entre o tempo subjetivo e o tempo histórico, o mito da infância e sua despreocupação com a angústia do tempo e a morte, a passagem constante das idades e gerações na corrida atrás de quimeras, a necessidade de esquecer o passado e sua presença obsedante e inarredável pela recordação e pela memória, que só a loucura evita (COUTINHO, 1997, p. 53).

É possível pensar esse "ciclo do tempo" machadiano por meio da imagem de uma espiral que circunda um ponto vazio ou neutro (ponto enigmático que remete ao real lacaniano); vazio este a partir do qual Machado desenvolve suas indagações e sua lógica do tempo. Pois, se o tempo surge como um enigma para o autor, é a partir de seu trabalho com a escrita que ele dá corpo a esse enigma, "teorizando-o" em sua obra, e, assim, enlaçando os três registros introduzidos, no campo da psicanálise, por Lacan: o real, o simbólico e o imaginário.

Em um outro estudo, o texto "Esquema de Machado de Assis", do crítico Antonio Candido, ressalta-se algumas maneiras de interpretar, ou de ler Machado, que contribuíram para compor uma visão moderna do autor. Segundo Candido, a partir das leituras de Augusto Meyer e Lúcia Miguel Pereira, chamou-se "a atenção para os fenômenos de ambigüidade que pululam na sua ficção, obrigando a uma leitura mais

exigente graças à qual a normalidade e o senso das conveniências constituem apenas o disfarce de um universo mais complicado e por vezes turvo” (CANDIDO, 1995, p. 24).

Encontramos, portanto, nessas argumentações, alguns traços característicos do escritor Machado de Assis, que vão incidir sobre a maneira como ele constrói as suas concepções de temporalidade. Dentre tais concepções, podemos extrair de *Memórias póstumas*, entre outras, uma temporalidade marcada por saltos e digressões da narrativa, deixando o leitor perplexo com as idas e vindas do narrador Brás Cubas.

No entanto, fica-nos, principalmente, a impressão de que Machado de Assis, nessa “obra difusa” escrita com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (ASSIS, 1997, p. 513), viajando à roda da vida, faz também um percurso à roda do tempo, pois o autor, efetuando uma espécie de corte na temporalidade, inventa um tempo fora do tempo – a eternidade – de onde Brás narrará suas memórias.

Há uma certa multiplicidade de tempos que se inscrevem no texto machadiano, que ora remete à memória, às ruínas, à corrosão e à depuração (questões presentes no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo); ora às rupturas com a linearidade temporal, apontando para certas modalidades de tempo em que, em alguns momentos, presente, passado e futuro se entrecruzam como fios que remetem ao atemporal e à “inconsciência”, como na seguinte passagem do conto “O cônego ou a metafísica do estilo”, que narra o “idílio psíquico” do cônego Matias, no ato de compor um sermão:

Agora, porém, o caminho é escuro. Passamos da consciência para a inconsciência, onde se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam. Aqui pulula a vida sem formas, os germens, e os detritos, os rudimentos e os sedimentos; é o desvão imenso do espírito. Aqui caíram eles, à procura um do outro, chamando e suspirando. Dê-me a leitora a mão, agarre-se o leitor a mim, e escoreguemos também (ASSIS, 1997, p. 572).

Machado de Assis, por intermédio de alguns de seus personagens, interroga o tempo a partir de dois pontos, aparentemente antagônicos: a eternidade ou o eterno e o minuto. Os questionamentos do autor a esse respeito aparecem em *Memórias póstumas*, assim como nos contos “Papéis velhos” e “Viver!”, entre outros.

Em “Viver!”, por exemplo, Ahasverus, condenado a caminhar continuamente, até o fim dos tempos, por ter empurrado Jesus Cristo, quando iam crucificá-lo, e bradado para que ele não descansasse, senta-se em uma rocha e sonha. Nesse sonho, Ahasverus, na cláusula dos tempos, limiar da eternidade, encontra-se com o personagem mítico Prometeu (“o que prevê”) – que fora condenado por Júpiter a padecer, por séculos e séculos, acorrentado a um rochedo, enquanto um abutre, diariamente, devorava-lhe o fígado (Cf. ÉSQUILO, s/d, p. 111-137) – e se estabelece um diálogo entre os dois. Em certo ponto do texto, Ahasverus relata ao titã sua viagem, sua peregrinação nos tempos:

Saí de Jerusalém. Comecei a peregrinação dos tempos. Ia a toda a parte, qualquer que fosse a raça, o culto ou a língua; sóis e neves, povos bárbaros e cultos, ilhas, continentes, onde quer que respirasse um homem, aí respirei eu. Nunca mais trabalhei. Trabalho é refúgio, e não tive esse refúgio. Cada manhã achava comigo a moeda do dia... Vede, cá está a última. Ide, que já não sois precisa (*atira a moeda ao longe*). Não trabalhava, andava apenas, sempre, sempre, sempre, um dia e outro dia, um ano e outro ano, e todos os anos, e todos os séculos. A eterna justiça soube o que fez: somou a eternidade com a ociosidade. As gerações legavam-me umas às outras. As línguas que morriam ficavam com o meu nome embutido na ossada. Com o volver dos tempos, esquecia-se tudo; os heróis dissipavam-se em mitos, na penumbra, ao longe; e a história ia caindo aos pedaços, não lhe ficando mais que duas ou três feições vagas e remotas. E eu via-as de

um modo e de outro modo. Falaste em capítulo? Felizes os que só leram a vida em um capítulo. Os que se foram, à nascença dos impérios, levaram a impressão da perpetuidade deles; os que expiraram quando eles decaíam, enterraram-se com a esperança da recomposição; mas sabes tu o que é ver as mesmas cousas, sem parar, a mesma alternativa de prosperidade e desolação, desolação e prosperidade, eternas exéquias e eternas aleluias, auroras sobre auroras, ocasos sobre ocasos? (ASSIS, 1997, p. 566).

Há, no texto machadiano, portanto, várias modalidades de tempo, que por vezes perpassam sem um ordenamento cronológico linear, que implique início, meio e fim. Em outras circunstâncias, como na citação acima, o autor remete o leitor à imagem de temporalidades várias, presentes nos diversos capítulos da história e da vida, morrendo e renascendo dentro da eternidade.

Concluindo, gostaríamos de afirmar, com Machado de Assis, que a espiral do tempo em que o narrador Brás Cubas escreve as suas memórias "é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também se pode bordar nada. Nada em cima de invisível é a mais subtil obra deste mundo, e acaso do outro" (ASSIS, 1997, p. 976).

#### Abstract

This work aims at studying time and its relationships with writing in Machado de Assis's *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Departing from the time modalities brought into scene by the author's texts, and their articulation with psychoanalysis, we have tried to elaborate the notion of *time of writing*.

Keywords: time. Writing. Memoir. Letter. (The) unconscious.

#### Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 511-693. (Obra completa, 1).

ASSIS, Machado de. O cônego ou metafísica do estilo. In:\_\_\_\_\_. *Várias histórias*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 570-573. (Obra completa, 2).

ASSIS, Machado de. Papéis velhos. In:\_\_\_\_\_. *Páginas recolhidas*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 619-624. (Obra completa, 2).

ASSIS, Machado de. Viver!. In:\_\_\_\_\_. *Várias histórias*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 563-569. (Obra completa, 2).

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In:\_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 17-39.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.

COUTINHO, Afrânio. Estudo crítico; Machado de Assis na literatura brasileira. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v.1. p. 23-65.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In:\_\_\_\_\_. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 183-267. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 14).

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente. In:\_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

RIEDEL, Dirce Côrtes. *O tempo no romance machadiano*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.